

20.º aniversário do maior alargamento da UE

1 de maio de 2004 foi um ponto de viragem histórico para dez países no coração da Europa. Chipre, a Chéquia, a Estónia, a Hungria, a Letónia, a Lituânia, Malta, a Polónia, a Eslováquia e a Eslovénia juntaram-se à família europeia. Foi um momento de celebração, unidade e oportunidades ilimitadas. Analisemos mais aprofundadamente este momento histórico.

A União Europeia foi objeto de vários alargamentos sucessivos ao longo da sua história, com a adesão de novos Estados-Membros. Em 2004, a União Europeia viveu o seu maior alargamento de sempre, acolhendo dez novos países: a Chéquia, Chipre, a Eslováquia, a Eslovénia, a Estónia, a Hungria, a Letónia, a Lituânia, Malta e a Polónia. Após este alargamento, a UE era composta por 25 Estados-Membros. Mas, nessa altura, o seu horizonte era alargar-se para uma União de 30 Estados-Membros.

Por que motivo é este alargamento tão significativo? Em primeiro lugar, marcou o maior alargamento de sempre da União Europeia. No total, três antigas Repúblicas Soviéticas (a Estónia, a Letónia e a Lituânia), quatro antigos estados satélites da URSS (a Chéquia, a Hungria, a Polónia e a Eslováquia), uma antiga república da Jugoslávia (a Eslovénia) e duas ilhas mediterrânicas (Chipre e Malta) tornaram-se Estados-Membros da União Europeia. Estes países iniciaram uma trajetória rumo a uma maior cooperação, prosperidade e solidariedade.

O alargamento implicou muito mais do que um mero aumento do número de Estados-Membros, assinalou uma mudança no panorama geopolítico, que iria moldar o futuro da Europa para as gerações vindouras, expandiu as fronteiras da União Europeia para leste, reforçando o seu papel de força estabilizadora na Europa.

Por que motivo querem estas nações tornar-se membros da UE? Para muitas delas, foi uma oportunidade de aderir à promessa de democracia, liberdade e oportunidades que a UE representa. O alargamento seguiu-se à queda dos regimes comunistas na Europa Central e Oriental, permitindo a estes países a transição para a democracia e as economias de mercado. Este alargamento histórico de 15 para 25 Estados-Membros foi o culminar de um longo processo de adesão que conduziu à reunificação da Europa, um continente dividido há meio século pela Cortina de Ferro e pela Guerra Fria.

O alargamento de 2004 também teve implicações significativas para as línguas na UE ou, pode dizer-se, constituiu um desafio singular. O número de línguas oficiais da UE aumentou de 11 para 20. As nove novas línguas são o estónio, o húngaro, o letão, o lituano, o maltês, o polaco, o checo, o eslovaco e o esloveno. Foram criadas nove novas unidades linguísticas no serviço de tradução do Parlamento Europeu para o tornar acessível nas novas línguas. Nos anos que antecederam o alargamento, quando decorriam as negociações de adesão, o pessoal linguístico existente começou a preparar-se para a introdução das novas línguas, participando em vastos programas de estudos linguísticos.

O verdadeiro caleidoscópio das línguas da UE tornou-se um testemunho do seu empenho na inclusividade e na diversidade. Uma língua não é um simples meio de comunicação, é uma janela para a história, a cultura e a identidade de um país. Através da tradução e da interpretação, a UE assegura que todas as vozes são ouvidas.

Após o início deste quinto alargamento, com a adesão de 10 países em 2004 e a adesão da Bulgária e da Roménia em 2007, a Croácia tornou-se membro em 2013. Passadas duas décadas, ainda se sente o impacto do alargamento de 2004 em toda a Europa. A União Europeia reafirmou o seu papel como fonte de esperança, progresso e cooperação num mundo em constante mutação.

Pode ouvir mais *podcasts* na Rádio Europarl, a rádio Web do Parlamento Europeu.